ANTERO DE QUENTAL, O HOMEM*

Valesca de Assis

RESUMO: *Cet article analyse l'influence du climat et de la géographie insulaires dans la vie et dans l'œuvre de l'écrivain luso-açorien Antero de Quental. Il se penche aussi sur la correspondance et la poésie de cet auteur pour y mettre en lumière la vision psychologique des circonstances qui, ayant conditionné son œuvre, doivent être considérées dans la lecture de ses textes. Enfin il étudie la pensée philosophique et psychologique de l'auteur.*

PALAVRAS-CHAVE: Antero de Quental, insularidade, Açores.

Antero é a maior referência intelectual da Ilha de São Miguel, Açores. Para quem visita a Ilha, percorrer a geografia sentimental do poeta é itinerário obrigatório e fascinante: desde a casa onde nasceu, as ruas percorridas, o mar que o fascinava enquanto possibilidade de transcendência, o banco de praça onde encontrou a morte, até o lugar onde para sempre repousa. Buscando especialmente a dimensão humana do poeta, do homem que se escondia por detrás das *Odes Modernas* e dos *Sonetos*, encontrei um místico, um filósofo e, acima de tudo, um ativista político de rara dedicação e alcance. Deparei-me, também, com um homem brilhante que se matou. Por quê? Nas bibliotecas de Ponta Delgada, há inúmeras teses — acadêmicas ou não — que tentam justificar esse ato tão agressivo vindo de um homem geralmente tão manso de coração. Nas ruas da Capital da Ilha, percebe-se, com todos os sentidos, as determinantes emocionais das inquietações de espírito que sempre atormentaram Antero, e que se faziam mais agudas quando estava em São Miguel. Trata-se da conhecida *questão da insularidade*. Para que se compreenda o *homem*, é necessário ter-se em conta o *meio*. E o meio físico, nos Açores, é algo muito mais concreto na determinação de humores do que nós, continentinos brasileiros, podemos imaginar. É muito conhecido o *torpor açoriano*, que se fazia sentir fortemente no fatídico 11 de Setembro de 1891.

*Comunicação apresentada na sessão solene de homenagem a Antero de Quental pelo centenário de sua morte — Câmara Municipal de Porto Alegre, 1991.

Valesca de Assis é professora e escritora.

As ilhas dos Açores são belíssimos pontos verdes perdidos no Atlântico, a 1.500 km da costa portuguesa e a 4.000 km dos Estados Unidos da América do Norte. A natureza foi caprichosa ao desenhar as ilhas, com seus vales profundos, suas gigantescas falésias, seus deslumbrantes lagos interiores. "Olhar [porém] de dentro das ilhas é diferente de as olhar de fora", como bem assevera Álvaro Oliveira. "A casca da maçã não é propriamente a maçã. A casca é que possui a sedução, mas é por detrás que a substância mora" (BARROS, 1989, p. 7). Os lindíssimos vales são crateras de extintos vulcões e as escarpas são lavas abruptamente resfriadas. Nos Açores, os movimentos internos da Terra são visíveis ao olho e sensíveis ao olfato: pelas fendas por onde a Terra respira, fervem águas e cinzas, e há sempre um cheiro de enxofre no ar. Dezenas de sismos diários — na maioria imperceptíveis — desassossegam o açoriano. E, se os cães ladram na aparente quietude da noite, é certo que um tremor mais forte virá a seguir.

São nove ilhas, as dos Açores. Mas de São Miguel (a de Antero) não se vêem senão as nuvens e o contorno vago da Ilha de Santa Maria. Isso, em dias muito especiais. E, em se vislumbrando Santa Maria, é sinal de chuva iminente. Chuvas que são constantes, os açoites dos ventos batendo nos nervos. Uma aberta no céu, por mínima que seja, é razão de alegria pública. E o oceano, azul, infundável e estático, ao invés de libertar, aprisiona o ilhéu no seu pequeno mundo, na medida em que dificulta as trocas culturais e comerciais com o continente. As comunicações e os transportes dependem, até hoje, das disposições climáticas. Por isso, o açoriano é um homem vitimado pela insularidade.

A jornalista gaúcha Rejane Salvi (SALVI, 1990), que por dois anos viveu em São Miguel, registra, em seu *Panorama Açoriano*, várias análises sobre a influência do clima no comportamento do açoriano. Cita, por exemplo, Luís da Silva Ribeiro, que afirma que "o meio insular atuou bastante no moral dos homens que, em meados do século XV, se fixaram nos Açores". Influências "quantitativas, que geraram um exacerbado saudosismo, a emigração como necessidade instintiva e o conservadorismo das idéias, ao lado de influências qualitativas, como a apatia do espírito(...)" (id. ib., p: 86-87). Para Arruda Furtado,

enquanto o povo que ficava em Portugal vivia momentos de dominação e conquistas, a população dos Açores caía, no torpor do clima, debaixo do terror de fenômenos vulcânicos, e sob o jugo e a exploração dos capitães donatários (SALVI, 1990, p. 87).

Victorino Nemésio menciona uma espécie de "embriaguez do isolamento que impregna a alma e os atos do ilhéu: Estamos enraizados, pelo *habitat*, a uns montes de lavas que nos penetram. Somos de carne e pedra, os nossos ossos mergulham no mar" (Açorianidade, ICALP). Para Francisco do Carmo,

o vulcanismo e a sismicidade são uma característica do viver insular, razão da insegurança tantas vezes sentida, e da angústia freqüentemente experimentada. Basta viver nas ilhas, para o entender. (SALVI, 1990, p. 88).

Neste lugar, e sob tais circunstâncias, nasceu, a 18 de abril de 1842, Antero Tarquínio de Quental. Sua família era fidalga e profundamente religiosa, fatores que irão exacerbar os tormentos do poeta. Muito pequeno, vai estudar em Lisboa e, depois, em Coimbra. Nas férias, volta para casa; nas doenças e dificuldades, também. Em carta ao seu grande amigo Oliveira Martins, comenta:

Tive um certo prazer em tornar a ver a minha terra, ainda que não sei porquê, e talvez só por instinto, pois deve haver uma relação profunda entre o homem e a terra em que nasceu e se criou. Ou será talvez que esse isolamento num canto do mundo, que já é meia morte, ou uma morte antecipada, convênha muito ao humor em que há muito me sinto. (QUENTAL, 1989, p. 830).

Antes dos vinte anos, Antero matricula-se no Curso de Direito da Universidade de Coimbra, onde trava contato com as novas idéias políticas que chegam pelos trilhos da estrada-de-ferro recém inaugurada, ligando Portugal ao centro da Europa. Em 1863, publica as *Odes Modernas*. Logo se vê envolvido na célebre *Questão Coimbrã*, polêmica literária que travou com o mitológico Antonio Feliciano de Castilho, e que constituiu-se, na verdade, em confronto entre o ultra-conservadorismo reinante em Portugal e os anseios de independência intelectual e liberdade de opinião. É desse grupo coimbrão que sai o núcleo da *Geração de 70*, que conta com nomes como Eça de Queirós, Teófilo Braga, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, entre outros. Esta nova geração de intelectuais promove, em 1871, sob a liderança de Antero, as conhecidas *Conferências do Cassino*, exclusivamente abordando temas polêmicos. Quando é anunciada a conferência sobre *Os Historiadores Críticos de Cristo* (a ser proferida por Salomão Séragga), o governo proíbe a continuidade do evento, por considerá-lo subversivo. Antero se manifesta, em contundente carta pública, ao Marquês de Ávila, Presidente do Conselho de Ministros e autor da portaria de proibição: "Nem eu, nem V. Excia., passaremos à História e muito menos as portarias que V. Excia. faz assinar a um rei sonâmbulo." Antero vai mais longe, afirmando que tais desmandos só fazem "deixar aos vindouros a certeza de que, em 1871, houve em Portugal um ministro que fez uma ação má e tola e um homem que teve a franqueza caridosa de lho dizer" (QUENTAL, 1989, p. 5).

A impressão que ficou em Antero desse período de agitação cultural é sintetizada por ele em carta autobiográfica a Wilhelm Storck (14.05.1887):

O fato importante da minha vida, durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre criança arrancada do viver patriarcal de uma província remota e imersa no plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação

intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno. (QUENTAL, 1989, p. 833-4).

E, aqui, a questão religiosa:

Varrida num instante toda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungentes quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. (QUENTAL, 1989, p. 834).

A dúvida que então nasce no espírito de Antero vai permear todo o seu pensamento filosófico — sempre em oposição à fé:

Uma síntese filosófica não é um símbolo teológico. Uma igreja pode muito bem, nos seus concílios, definir com rigor extremo a sua doutrina (...), justamente porque é uma igreja: dispõe, pela natureza da sua instituição, da autoridade que decreta e conta com a fé, que aceita e não raciocina (...). A filosofia, alimenta-se de suas próprias dúvidas. (...) É pela dúvida que a filosofia concebe, é a dúvida que a torna fecunda, e a sua relatividade é, afinal, toda a sua razão de ser. (...) A extrema fixidez e uniformidade na ordem espiritual repugna a sociedade moderna. (QUENTAL, 1960, p. 59).

Antero de Quental foi, também, como já afirmamos, um incansável agitador político, tendo sido, na verdade, o primeiro socialista português. Durante anos, assinou artigos e dirigiu publicações de cunho socialista. Foi fundador da primeira secção portuguesa da *Internacional Socialista*. Não se restringiu a ser um teórico. Empenhou-se até em abdicar de sua origem nobre, e, aprendendo a arte tipográfica, decidiu mudar-se para Paris e lá viver como um operário. Segundo alguns autores, aí contraiu a doença que iria acompanhá-lo até o fim. Doente, volta a São Miguel. Terrível crise de pessimismo o abate. Antero padece do que Kirkegaard denomina de *a enfermidade do eu*, doença que é mortal, não porque leve à morte; ao contrário, o desespero não tem fim, “a tortura está em não poder morrer” (COELHO, 1991, p. 12). Refere, em carta a Alberto Sampaio (30.11.1878), os sintomas recorrentes:

De saúde não vou pior: mas cada dia sinto mais o vazio da minha existência, a minha impotência, a minha inutilidade, de sorte que a vida se me tem tornado em extremo pesada. Olho para a morte como abrigo seguro, mas vejo-a longe ainda! (QUENTAL, 1989, p. 454).

As relações de Antero de Quental com a morte estão muito patentes em sua obra:

Em mim os Sofrimentos que não saram,
Paixão, Dúvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dor, que nunca param,
Como num mar em mim desaparecem.
(QUENTAL, 1966, p. 88).

Ou, na epígrafe ao *Elogio da Morte*: “Morrer é ser iniciado”.

Assim também na sua correspondência (carta a João Lobo de Moura, 17.07.1878):

Eu cá vou indo. Cada vez mais místico, e penso que daria um sofrível monge, se não fossem estes nervos miseráveis, inimigos da paz de espírito. Querem alguns dizer que muitos santos foram histéricos e neuróticos. Não posso crê-lo. Este estado de neurose é o menos favorável à serenidade interior, e, por conseguinte, à santidade. (QUENTAL, 1989, p. 439).

No fim da vida, Antero idealiza para si uma espécie de Nirvana, uma morte sublimada onde pensa encontrar a salvação. Diz (carta a Wilhelm Storck, 14.05.1887):

O universo tem pois como lei suprema o bem, essência do espírito. A liberdade, em despeito do determinismo inflexível da natureza, não é uma palavra vã: ela é possível e realiza-se na santidade. Para o santo, o mundo deixou de ser um cárcere: ele é pelo contrário o senhor do mundo, porque é o seu supremo intérprete. Só por ele é que o universo sabe para que existe; só ele realiza o fim do universo. (QUENTAL, 1989, p. 838).

Estranhas considerações, vindas de um homem cuja fé havia sido varrida nos anos da mocidade? de um homem que acreditou nas idéias evolucionistas de Darwin e no socialismo de Proudhon? de um homem que efetivamente praticou o socialismo? de um homem que defendeu a originalidade individual e os direitos terrenos de cada ser humano? Não, em Antero nada é estranho, ou tudo é estranho. Mente polifônica, apontou caminhos onde outras não vislumbravam nenhuma direção. Esteve na vanguarda muitas vezes; não importa se não fechou um sistema. Isso, aliás, é uma virtude.

Entretanto, nem a morte, nem o nirvana terreno estavam ainda ao alcance de Antero. Perto dos cinquenta anos, após mais uma desilusão política com a Liga Patriótica do Norte, decide viver em São Miguel com as filhas pequenas de seu amigo Germano de Meireles, as quais, por orfandade, adotou. Logo, porém, se arrepende: não de ter adotado as meninas, que afinal lhe deram o sentimento de família, mas da decisão de permanecer para sempre na ilha. Escreve a Joaquim de Araújo (30.07.1891):

Começo a acreditar que não andei bem avisado em vir estabelecer-me em São Miguel. Cada vez vou me sentindo mais incompatível com esses ares doentios, que o Charcot tanto condenava, e que, com efeito, me torturam atacando-me sem descanso os centros nervosos. A atmosfera é de uma irregularidade pasmosa! Decididamente, é ponto assente que já não posso aclimar-me por essas paragens que tanto encantaram a minha primeira mocidade. (QUENTAL, 1989, p. 1.064).

A Oliveira Martins (17.06.1891), já referira:

(...) é verdade que essa quadra do ano é a pior daqui, e aos próprios da terra oiço queixarem-se da depressão fisiológica produzida por este ar de estufa. (QUENTAL, 1989, p. 1.051).

Mas, já a 29.08.1891, poucos dias antes de sua morte, tem uma posição firmada, que comunica a Oliveira Martins:

Depois de uma melhora que me iludiu (...) tenho piorado consideravelmente e resolvo-me a voltar para o Continente. (...) Conto em partir daqui no Açor, a dezoito de setembro. (...) Procurava o definitivo e afinal ainda agravei o instável e provisório que tanto me assustava. Paciência. Fui talvez imprudente, contei demais com as minhas forças, seduziu-me a idéia de, depois de tantos anos de excentricidade, acabar como toda a gente. Mas vejo que a excentricidade tinha de ser definitiva, submeto-me a ela, agravada por mil cuidados. (QUENTAL, 1989, p. 1.070).

Porém, antes que chegasse o 18 de Setembro, antes que o Açor levantasse âncoras do porto de Ponta Delgada, houve o 11 de Setembro. Naquele dia, o *torpor açoriano* se fazia sentir intensamente, esmagando as pessoas no pesado ar de estufa. Depois de um dia em que permaneceu depressivo, Antero andou pelas ruas da cidade, visitou amigos e, por fim, sentou-se em um dos bancos que margeiam o muro do Convento da Esperança, construído em terras que foram de antepassados seus. Escolheu aquele que fica sob uma âncora gravada na pedra. Os braços dessa âncora são atravessados pela palavra ESPERANÇA. O que terá passado, naquele dia, pela alma de Antero? Que internos caminhos levaram-no até ali? Que lembrança o impeliu a trazer a arma? a fazê-la detonar contra si mesmo? Um tiro não foi o bastante; disparou novamente a arma, antes que o povo acesse. E, diante da morte constatada, restou ao povo açoriano aceitar, como uma fatalidade a mais, o gesto daquele homem dilacerado. Podemos especular, como alguns: que afinal ele “descansa”, como queria, “na mão de Deus eternamente”. Eu, de minha parte, prefiro ficar com o cerne das idéias filosóficas de Antero de Quental, que são resultados de uma prática social:

Para falar em nome da consciência humana lesada, não é necessário ser-se filósofo. Tal protesto, ainda na boca do mais rude, deveria sempre ser escutado com respeito. A autoridade das consciências não pesa na balança das escolas. (QUENTAL, 1960, p. 111).

BIBLIOGRAFIA:

- BARROS, Carlos Vitorino da Silva, e PASQUIET, Rennée Foulanneau. *Açores*. Lisboa, Ed. da Direção Regional de Turismo, 1989.
- COELHO, Marcelo. Munch criou o logotipo para o desespero. *FOLHA DE SÃO PAULO*. São Paulo, caderno 5, 14.08.91.
- OLIVEIRA, Alamo. Açores: a ave, o búzio e o homem. In: ABREU, Maurício de. *Açores*. Lisboa, Ed. Setúbal, 1988.

QUENTAL, Antero Tarquínio de. *Obras Completas: Cartas*. (Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins). Lisboa, Universidade dos Açores - Editorial Comunicação, 1989. V. 1 e 2.

—. *Sonetos Escolhidos*. (Seleção e introdução de Torrieri Guimarães). São Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1966.

—. Tendências gerais da Filosofia da Segunda Metade do Século XIX. In: *Antero de Quental: Poesia e Prosa*. (Organização e apresentação de Adolfo Casais Monteiro). 2. ed. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1960. (Col. Nossos Clássicos, 6).

—. *Coração Liberto (Poemas Escolhidos)*. Organização de Alphonsus de Guimarães Filho. Rio de Janeiro-Brasília, Aguilar - INL, 1974.

SALVI, Rejane. *Panorama Açoriano*. Instituto Cultural de Ponta Delgada. São Miguel, Açores, 1990.

SARAIVA, António José. *História da Literatura Portuguesa*. 3. ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1955.